



Estudos em homenagem a  
Maria Isabel D'Agostino Fleming

# ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

REFLEXÕES SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO

Vagner Carvalheiro Porto  
Marcia Severina Vasques  
Marcio Teixeira-Bastos  
*(Organizadores)*

2023

ORGANIZADORES: Wagner Carneiro Porto  
Marcia Severina Vasques  
Marcio Teixeira-Bastos

COMISSÃO CIENTÍFICA: Adriene Baron Tacla - Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Camilo de Mello Vasconcellos - Museu de Arqueologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP)  
Cintia A. Gama-Rolland - Musée des Confluences, Lyon  
Claudio Walter Gomez Duarte - Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)  
Fabio Vergara Cerqueira - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel)  
Gilberto da Silva Francisco - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)  
Juliana Figueira da Hora - Universidade de Santo Amaro (Unisa)  
Louise Prado Alfonso - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel)  
Luiz Antonio Dias - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

CAPA: Lygia Ferreira Rocco

EDIÇÃO E REVISÃO: Felipe Cotrim | Tikinet

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nicole de Abreu | Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

**P853** Porto, Wagner Carneiro, Vasques, Marcia Severina, Teixeira-Bastos, Marcio (Organizadores)  
Arqueologia clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo Antigo / Organização de Wagner Carneiro Porto, Marcia Severina Vasques e Marcio Teixeira-Bastos. – São Paulo: MAE-LARP/USP, 2023.  
444 p.; il.

*Estudos em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming*

ISBN 978-65-87080-47-5

1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Clássica. 4. Antiguidade Clássica. 5. História Antiga. 6. Arqueologia Clássica no Brasil.

CDU 930.26

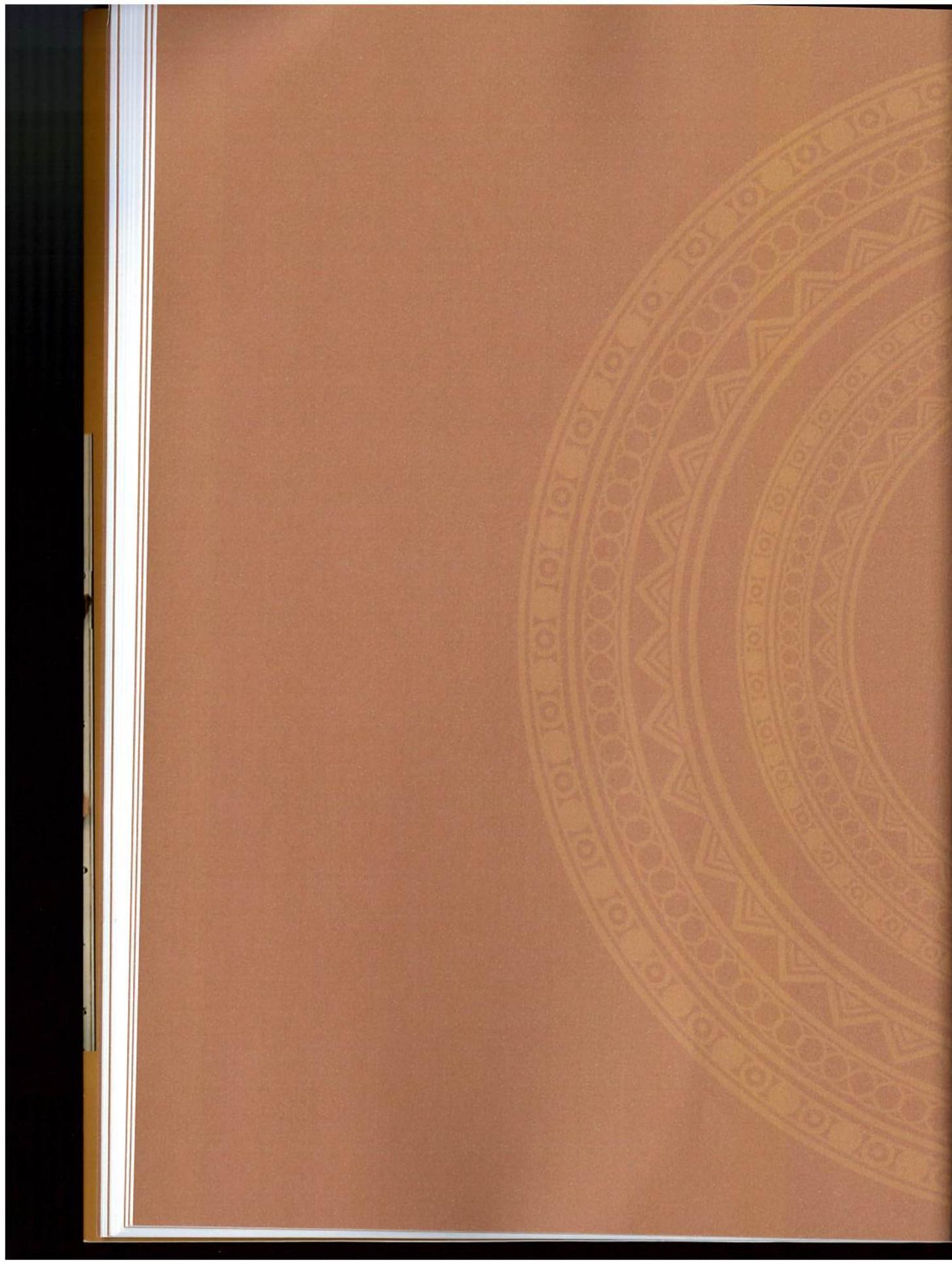
CDD 930.1

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

## Sumário

<b>Apresentação</b> <i>Os organizadores</i>	<b>9</b>
<b>1 – Michel Gras pour Maria Isabel</b> <i>Michel Gras</i>	<b>21</b>
<b>2 – Para Maria Isabel, de Michel Gras</b> <i>Michel Gras, tradução de Claudia Gradim</i>	<b>25</b>
<b>3 – Um testemunho da convivência com Mabel Fleming</b> <i>Eduardo Góes Neves</i>	<b>29</b>
<b>4 – Um tributo a Maria Isabel D'Agostino Fleming, mestra e inspiradora</b> <i>Pedro Paulo A. Funari</i>	<b>33</b>
<b>5 – Les cites romaines du Maghreb</b> <i>Patrick Le Roux</i>	<b>37</b>
<b>6 – As cidades romanas do Magreb</b> <i>Patrick Le Roux, tradução de Claudia Gradim</i>	<b>57</b>
<b>7 – Formas de escolha e consumo em Morgantina (Sicília): as áreas funerárias e as áreas domésticas</b> <i>Elaine Farias Veloso Hirata</i>	<b>77</b>
<b>8 – A Calábria meridional e a expansão grega no Mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a emporia (sécs. VIII-VI a.C.)</b> <i>Maria Beatriz Borba Florenzano</i>	<b>105</b>

<b>9 – O impacto do crescimento de Antioquia sobre o campesinato sírio: Libânio e a defesa dos <i>Georgoi</i></b>	<b>129</b>	<b>18 – Espaços do Sagrado em Cesareia Marítima no Período Romano-Bizantino</b>	<b>333</b>
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>		<i>Marcio Teixeira-Bastos</i>	
<b>10 – O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético</b>	<b>153</b>	<b>19 – Desembaraçando as tramas interpretativas: reflexões sobre os usos e conteúdos do <i>Livro do Amduat</i> durante a 21ª dinastia</b>	<b>367</b>
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>		<i>Cássio de Araújo Duarte</i>	
<b>11 – O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir</b>	<b>197</b>	<b>20 – Arqueologia e cristianismo antigo: um percurso histórico sobre a interpretação da cultura material</b>	<b>387</b>
<i>Maria Cristina Nicolau Kormikiari</i>		<i>Alessandro Mortaio Gregori</i>	
<b>12 – A morte e o Além no Egito Romano: a necrópole de Hermópolis Magna</b>	<b>225</b>	<b>21 – Territórios Plurais dentro QAŞR ASH-SHAMA<sup>c</sup> (Fortaleza da Babilônia)</b>	<b>407</b>
<i>Marcia Severina Vasques</i>		<i>Lygia Ferreira Rocco</i>	
<b>13 – An attic crater at MAE-USP: a case study for conservation employing portable X-ray fluorescence technique</b>	<b>245</b>	<b>Biografia dos autores</b>	<b>435</b>
<i>Carlos Roberto Appoloni e Silvia Cunha Lima</i>			
<b>14 – Uma cratera ática no MAE-USP: um estudo de caso para conservação utilizando a técnica de fluorescência de raios-X portátil</b>	<b>259</b>		
<i>Carlos Roberto Appoloni, Silvia Cunha Lima, tradução de Claudia Gradim</i>			
<b>15 – A Arqueologia Medieval no Brasil</b>	<b>275</b>		
<i>Marcelo Cândido da Silva, Marina Duarte Sanchez, José Francisco Fonseca e Gabriel Rodrigues Cordeiro</i>			
<b>16 – Comentários sobre o Mítreu de Londres</b>	<b>289</b>		
<i>Renato Pinto</i>			
<b>17 – Dioniso, sátiros e bacantes nos mosaicos romanos do Norte da África</b>	<b>311</b>		
<i>Silvana Trombetta</i>			



## Um testemunho da convivência com Mabel Fleming

**Eduardo Góes Neves**  
*Universidade de São Paulo*

Conhecia Mabel vagamente antes de 1989, quando viajei para os Estados Unidos para começar meu doutorado. Naquela época, o antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, onde trabalhava Mabel, e o Instituto de Pré-História, onde eu trabalhava, eram instituições independentes que funcionavam no mesmo prédio, o Bloco D do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp), onde funciona a moradia estudantil do *campus* Butantã.

Em 1993, quando regressei, a fusão entre o antigo MAE e IPH já havia se consolidado. Nesse mesmo ano, no mês de julho, ocorreu a mudança do Crusp para o atual prédio que o então novo MAE ocupa provisoriamente até hoje. A partir dessa época, já colegas, nossa convivência se tornou intensa e constante. Eu era um jovem ainda tentando concluir seu doutorado, enquanto Mabel era muito mais sênior que exercia uma liderança importante naquela nova instituição.

Nesses quase 30 anos, meu carinho e admiração por Mabel só cresceram. Tive o privilégio de acompanhar e com ela participar do processo de construção de uma nova instituição de pesquisa e fui testemunha do papel de líder que ela exerceu, conduzindo o MAE ao lugar que ocupa hoje. Em 1993 nos mudamos de maneira improvisada para o que era um galpão transformado na sede da antiga Fundação de Construção da USP (Fundusp), o órgão então responsável pela realização das obras na USP. Àquela época, tivemos que ali acomodar coleções arqueológicas e etnográficas do antigo MAE, IPH, Museu Paulista e Acervo Plínio Ayrosa do Departamento de Antropologia da USP. A maior parte desse material estava guardado em caixas de madeira ou papelão e o espaço para guardá-lo era claramente insuficiente, além de sujeito a infestações de pragas bem como à umidade.

O desafio de guardar as coleções do MAE era imenso e parecia quase inatingível, mas graças aos esforços de Mabel e outras colegas, tivemos sucesso em

conseguir diversos financiamentos da Fundação Vitae e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), dentre outras agências de fomento, que nos permitiram, ao longo dos anos, construir e equipar reservas técnicas seguras e acessíveis. É comum que se confundam museus com exposições. Exposições são partes fundamentais do funcionamento de museus, mas são apenas a ponta do *iceberg*. É nas reservas técnicas e laboratórios, espaços normalmente não acessíveis ao grande público, que se realizam as atividades de guarda de coleções e pesquisa fundamentais para o funcionamento de um museu. Se o MAE ainda hoje se ressentir da ausência de espaços expositivos que façam justiça à beleza e importância de seu acervo, podemos nos orgulhar da maneira respeitosa e segura como guardamos nossas coleções, produtos do trabalho e engenhosidade de povos de diferentes partes do planeta. Mabel tem um papel fundamental nessa história.

No ano 2000, quando trabalhava na curadoria de uma exposição sobre arqueologia amazônica, visitei pela primeira vez o Museu Etnográfico de Gotemburgo, na Suécia, onde importantes coleções amazônicas estão guardadas. Durante uma visita de cortesia às instalações do Museu, deparei-me, ao adentrar a biblioteca, com um exemplar exposto da *Revista do MAE*, ali colocado ao lado de outros periódicos internacionais que compõem aquele acervo bibliográfico. Naquele momento ficou claro para mim a importância e relevância que já tinha nossa Revista e, uma vez mais, é graças a Mabel que tal nível de qualidade foi atingido. Sou testemunha direta do trabalho incansável que ela realizou ao longo dos anos para construir e fortalecer a *Revista do MAE* e colocá-la no lugar que ela atualmente ocupa.

Finalmente, gostaria de destacar o papel importantíssimo que tem Mabel na consolidação no Brasil dos estudos de Arqueologia do Mediterrâneo. Suas ex-alunas e alunos ensinam hoje em importantes centros espalhados pelo país, onde já exercem a formação de uma nova geração de arqueólogos e historiadores. Suas pesquisas continuam ativas no Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp), por meio do qual o MAE tem renovado sua participação em projetos de campo no Mediterrâneo.

Por estas e outras razões, serei eternamente grato a Mabel pelo que ela fez para o MAE e também para mim. Com ela aprendi lições de postura acadêmica e conduta científica que carregarei para sempre e, sobretudo, graças a ela aprendi sobre a responsabilidade e honra que são trabalhar em uma instituição como o MAE.

Muito obrigado, querida!

